OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 202

1 DE AGOSTO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Continuam as providencias defensivas contra o cholera a ser o assumpto do dia. O governo tem velado com uma energia muito louvavel pelas medidas preventivas e embora haja quem reprove por excessivas essas medidas, nós entendemos que o governo faz muito bem, que cumpre religiosamente o seu dever, e que nunca será demais o zelo com que se procure afastar do paiz uma epidemia terrivel.

Graças a Deus essa epidemia tem-se mantido n'um caracter de benignidade em relação ás anteriores visitas que tem feito á Europa, e tem-se circumscripto muito, coisa que não estava nos seus habitos e nos seus caracteristicos.

Ha muitos terroristas em Lisboa, ha muitas pessoas que juram ser falsos os obituarios que o telegrapho nos transmitte, que teimam e tornam a teimar que o cholera está já de ha muito em Paris e que o governo francez o está encubrindo.

Nós não peccamos por optimistas, mas francamente não comprehendemos como é que um governo qualquer póde hoje, no meio da Europa, que o espreita assustada, pelos olhos dos seus embaixadores e dos seus empregados consulares, cercado de centenares de jornaes que se movem por interesses diversos e que se dirigem por opiniões diversissimas, encobrir uma epidemia como o cholera morbus.

Que um governo possa no começo d'essa epidemia, quando ainda a sua apparição é desconhecida encobril-a durante quatro ou cinco dias d'accordo: mas depois da epidemia se manifestar, de toda a gente saber que ella existe em Toulon e em Marselha, e naturalmente todas as attenções da Europa estarem fitas em Paris á espera do momento em que ella ahi surja, haver possibilidade d'um governo qualquer por mais forte e habil que seja a occultar por quinze dias, é que negamos completamente.

Não comprehendemos tambem muito bem a vantagem de as auctoridades de Marselha e de Toulon diminuirem o numero de obitos, desde o momento em que o panico está espalhado por toda a Europa, e em que todas as nações tomaram contra as procedencias d'essas duas cidades todas as providencias mais rigorosas que se podem tomar.

Que demonio de vantagem por exemplo tem Marselha e Toulon, em manifestar 45 obitos por dia se elles foram 45 ou 50? O que diminue ou augmenta no terror da Europa 5 ou 10 obitos a mais ou a menos n'um obituario tão consideravel, relativamente como aquelle que diariamente dão ao manifesto?

Comprehender-se-hia ainda esse roubo official de obitos, porém feito em grande, mas como podem as auctoridades fazer esses grandes roubos na mortalidade sendo separados escrupulosamente pelos agentes consulares da Hespanha, intransigente, honra lhe seja, n'estas questões de saude publica, da Italia, da Austria, da Allemanha e da Russia?

E depois como é que sendo o obituario, que o telegrapho transmitte a todo o mundo, feito pelas auctoridades de Marselha e de Toulon e não feito pelo cholera, d'um dia para o outro essas auctoridades auctoras do obituario o elevaram de 60 mortes a 103, um salto enorme que apavorou toda a Europa?

Ora tudo isto nos leva a acreditar muito mais na Agencia Havas que nos terroristas de Lisboa. Póde muito bem ser, que n'um dia ou outro tenha havido qualquer pequena differença entre o obituario official e o obituario real, mas essa differença que não póde deixar de ser pequenissima e que não é com certeza permanente nenhuma influencia póde ter para a critica medica da epidemia.

O GENERAL CORONA, NOVO MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DO MEXICO, EM LISBOA
(Segundo uma photographia)

Emquanto ao cholera estar em Paris reinando epidemicamente, de duas uma, ou a epidemia não tem força alguma e ha perto de um mez que se diz estar em Paris, está lá effectivamente fazendo apenas uma ou duas mortes por dia, o que não é crivel dada a população de Paris e a estação ardentisissima que atravessamos, ou a epidemia tem feito o seu caminho, tem semeado grande mortalidade e não ha governo algum que a possa occultar.

Outra theoria original dos terroristas é que a epidemia não nos visitará este anno — e com que pesar elles o dizem! — mas, e consolam-se com isso, que a teremos para o anno sem falta.

Não somos medico e nada percebemos d'isso, mas ha uma coisa que toda a gente percebe.

Em que se baseia a theoria das quarentenas? Não póde deixar de se basear no maximo tempo provavel para a incubação do microbio epidemico.

A quarentena põe o individuo que vem de ter relações com os epidemicos em observação durante o numero de dias que a sciencia julga necessarios para a incubação da molestia, e dá-lhes carta limpa, desde que passou o tempo em que essa molestia, se existisse em germen no individuo, se poderia desenvolver.

Sendo assim como não póde deixar de ser, em que theoria se fundam os terroristas para affirmar, ou pelo menos para suspeitar que havendo o cholera este anno em Marselha o haverá para o anno em Lisboa?

A epidemia tem um principio, um meio e um fim. Esse fim é-lhe ordinariamente marcado pela aproximação do inverno. Terminada a epidemia, como é que ella surge no anno immediato?

Pela incubação? Não póde ser, porque se o microbio póde levar sete ou oito mezes a incubar, como é que a sciencia marca para as quarentas sete ou oito dias apenas?

Espontaneamente; está provadissimo que o cholera asiatico se não gera na Europa, e todas as vezes que cá vem é sempre conhecido o seu rastilho. E até esse rastilho um dos caracteristicos da cholera asiatico, e foi o não saber-se ao principio qual rastilho que o trouxe a Toulon que fez com que Fauvel, Proust e Bouardel o classificassem de cholera sporadico.

Ha só uma rasão que póde justificar essas prophecias lugubres dos terroristas, mas uma rasão que tanto colhe para o anno, como para todos os annos a seguir, e que não tem nada que ver com a existencia actual do cholera na Europa. Essa rasão é a da falta de prevenções contra a invasão da epidemia.

Effectivamente não se estando prevenido contra o assalto do cholera, por não ser a sua existencia conhecida a tempo em qualquer paiz em communicação com o nosso, nada mais facil do que se ser assaltado por elle. Foi assim que este anno Toulon foi invadido, foi assim que nós fomos invadidos ha 28 annos.

Não estamos a fazer estas considerações para nos animarmos a nós mesmo, não estamos a tingir de côr de rosa os horisontes para alegrar os espiritos timoratos, mas o que não podemos comprehender é o prazer de certa gente em estar a ver tudo atravez de lunetas escuras, e em estar a semear por toda a parte o terror, o medo, o pavor, que felizmente não tem justificação alguma nos factos actuaes, e que graças ás medidas energicas que o governo portuguez tem tomado não tem vantagem alguma.

Comprehendemos que é muito melhor prevenir que remediar e que vale mais assustar sem motivo do que espalhar confiança sem rasão.

Se nós vissemos que o governo, as auctoridades e o paiz em summa, cruzavam os braços em frente do cholera de Toulon e de Marselha, fiados indolentemente na boa sorte que ha 28 annos nos tem conservado incolumes no meio dos choleras que tem assolado a Europa, mesmo d'aquelles que tem sido muito mais intensos que o de Marselha, e mesmo muito mais proximos — porque já o tivemos em Hespanha, já o chegamos a ter em Elvas, e felizmente temos escapado a elle — seriamos os primeiros a exagerar o perigo, não nos importando inteiramente nada semear o terror com tanto que colhessemos as precauções. Mas desde o momento em que o governo e o paiz estão prevenidos contra o cholera, que por todos os lados, as auctoridades e o povo tratam de se armar contra a visita possivel da epidemia, não comprehendemos a vantagem de estar a exagerar sombriamente o perigo, a lançar um pavor injustificado no espirito dos timoratos, pavor que no fim de contas póde ser então o verdadeiro perigo, porque no cholera, como em todas as epidemias, o medo é um dos mais mortiferos agentes

Regressou do Brazil o distincto actor Guilherme da Silveira que ha doze annos se despedira do publico de Lisboa no palco do theatro de D. Maria onde deixava uma tradicção cheia de applausos e de sympathias.

E desde este tempo Lisboa nunca mais viu representar Guilherme da Silveira, e mesmo fóra do palco quasi que nunca mais o viu porque Silveira só voltou aqui dois annos depois da sua partida, e de passagem, a correr, quasi que sem dar tempo de olharem para elle.

Silveira é portanto quasi que um actor novo para uma grande porção do publico de hoje, para esses rapazes de 20 annos que constituem agora o publico dos *premières*, a população mais enthusiasta dos theatros e que eram ainda uns pequenos de 6 a 8 annos quando Silveira conquistava as suas glorias de galan dramatico no Gymnasio, glorias que o indicaram como successor de Tasso, e quando Silveira creava no theatro de D. Maria tres personagens irreprehensiveis, magnificos, explendidos, o marquez de la Tremouille da *Patria*, o Schaunard da *Vie de Bohème*, e o Beaumarchais da *Maria Antonietta*.

Mas por uma reviravolta original, o Silveira ao mesmo tempo que é quasi um actor novo para grande porção do publico de hoje, vae ser um actor completamente novo mesmo para aquelle que mais o applaudiram e mais viveram com elle, porque no fim de doze annos o galan que d'aqui foi para o Brazil volta de lá... centro comico.

Silveira faz hoje todo o reportorio dos theatros de *charge* de Paris, faz o *Piperlin*, faz a *Rua da Paz* e para nós é inteiramente um actor novo n'esse genero.

E não se pense que foi a idade que transformou o galan de ha doze annos no *vegete* de hoje. Não foi tal. Silveira tem só trinta e tantos annos: é ainda um rapaz e o que é mais um bello rapaz.

Engordou um pouco, é verdade, tem um certo *enbonpoint*, mas ainda ha tres dias nós todos tres, o Silveira, o Raphael Bordallo e a pessoa que escreve estas linhas, concordámos plenamente perante um pato com arroz, divino, que no Jardim Zoologico nos serviu o grande Alvarenga, o extraordinario Alvarenga, o verdadeiro rei dos cosinheiros, que não ha dictado mais certo do que o de — «Dá-me gordura dar-te-hei formosura»

E já que falamos no Alvarenga não podemos furtar-nos aos hymnos triumphaes que merecem as maravilhas culinarias que elle fornece diariamente ao publico no Jardim Zoologico.

Nunca em Portugal se comeu como alli se come: a fama de todos os hoteis, a fama de todos os cosinheiros desapparece deante dos pratos feitos pelo Alvarenga com uma sciencia de mestre consumado e o gosto apuradissimo d'um verdadeiro artista.

Ha tres dias jantámos alli com Bordallo e Silveira. Deixámos o menu do jantar á escolha do illustre cosinheiro Foi um encanto, um deslumbramento, e em parte nunhuma do mundo se póde comer, por aquelle preço, um jantar mais bem delineado e mais bem feito.

O nosso enthusiasmo foi n'um crescendo meyerbeyeanno desde os *risolles* até aos predigotos.

Cada prato que vinha parecia-nos a ultima palavra da arte, e o que se lhe seguia era sempre superior.

Parámos nos predigotos, porque o estomago humano é limitado e grita basta, embora o enthusiasmo grite *mais, ainda mais!*

Depois d'esse jantar delicioso, fomos apertar a mão do grande cosinheiro, prestar-lhe a homenagem dos nossos applausos.

E esses applausos continual-os-ha Raphael no *Antonio Maria*; nós continuamol-os aqui, e todos juntos continual-os-hemos á meza do restaurant do Jardim Zoologico, onde se Deus quizer, brevemente e repetidamente nos encontraremos.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O GENERAL CORONA

Ministro plenipotenciario do Mexico, em Lisboa

Com o mesmo caracter de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, que ha mais de dez annos exerce em Madrid o general Corona, acaba de ser acreditado este esclarecido diplomata junto do nosso governo, tendo apresentado as suas credenciaes no dia 17 a S. M. el-rei D. Luiz.

O general Corona tem a mais alta graduação no exercito do seu paiz, e os feitos de armas que ennobrecem a sua gloriosa carreira militar, foram ganhos no campo de batalha em defeza da mais santa das causas, a independencia da patria. Pelos seus antecedentes, pela sua intelligencia, honradez de caracter e grandes serviços prestados ao seu paiz, quer na milicia quer na diplomacia, o general Corona é uma das figuras mais sympathicas entre os homens eminentes da Republica Mexicana.

Foi elle, depois da victoria da liberdade e da independencia, contra a invasão estrangeira, o primeiro diplomata que veiu a Europa estreitar relações com a Hespanha, e n'este sentido, os fructos da sua habil missão tem sido proficuos. Em identicas condições se acha hoje entre nós, sendo a sua competencia uma garantia sólida para o apertamento de toda classe de relações entre Portugal e a heroica patria de Juarez, tão nossa irmã pela identidade de origens e pelo proprio amor da independencia.

O general Corona nasceu em Jalsico no dia 19 de outubro de 1837.

Contrariando os propositos de seus paes, que desejavam dedical-o ao commercio, seguiu os impulsos guerreiros d'aquella epoca em que toda a juventude corria para os campos de batalha a defender a liberdade e a independencia.

A reação encontrava sempre o general Corona nas fileiras mais avançadas da lucta, e n'ellas ganhou por rigorosa escala todos os seus postos até coronel.

Foi em 1861 que o partido em que se achava filiado Corona conquistou para o Mexico todas as liberdades, e apoz esta aurora benefica de regeneração social, e perante os primeiros explendores de paz e de trabalho, foi tambem que teve logar a invasão d'aquelle territorio pelas armas alliadas da Hespanha, Inglaterra e França, ficando destruidas pela base as novas instituições.

Theatro, os campos de Puebla, da primeira victoria obtida pelas armas mexicanas, o espirito guerreiro dos filhos d'aquella nação animou-se, e não passou um só dia em que não fizesse experimentar aos invasores a sua coragem e bravura.

Corona, com admiravel audacia e pericia militar, operava nas costas do Pacifico e renhia continuadas batalhas apoiado na sua peculiar estrategia e no valor dos seus soldados por elle mesmo disciplinados e quasi pelo seu proprio esforço reunidos e regimentados.

É necessario confessar que os francezes fizeram sempre justiça ao general Corona, tanto pelas nobres e generosas qualidades do seu caracter, quanto pela sua constancia e heroismo na lucta.

Elevado ao posto de general de divisão pelo proprio general em chefe, o insigne Juarez, Corona, para não mentir aos seus antecedentes de indomavel resistencia, e quando os ultimos batalhões francezes abandonaram Mazatlan, atacava-os a bayoneta no meio do enthusiasmo do povo e debaixo do fogo da esquadra inimiga. Era dado a Corona, com os seus bravos, despedir por esta forma do territorio mexicano as ultimas forças invasoras!

Depois, veiu, com a funesta teimosia de alguns imperialistas, o chamamento dos estrangeiros para a organisação de legiões de resistencia, e, tudo quanto ha de mais baixo e despresivel na sociedade, se alistou n'aquelle exercito imperial. A nação mexicana contemplou aquella mudança com horror, pois que os soldados aguerridos da França considerados os primeiros do mundo, eram substituidos por hordas de bandidos de todos os paizes, a maior parte foragidos á acção dos tribunaes.

Isto redobrava em odios contra a causa de Maximiliano e todo o paiz se empenhava já no desenlace da lucta.

Não se fez esta desejar muito tempo e foi a Corona que coube em Queretaro, na manhã do dia 15 de maio de 1867, e receber a capitulação do ex-imperador Maximiliano.

É sobejamente conhecido este facto que tanta celebridade fez recahir sobre o general Corona, já por constituir aquelle successo o epilogo de uma guerra sangrenta na sua patria, ja pela generosidade e nobresa de sentimentos com que o vencedor tratou o vencido em tão supremo trance.

Escobedo mandou depois processar Maximiliano e ao mesmo tempo que os generaes Porfirio Diaz e Corona penetravam victoriosos na cidade do Mexico, o intitulado imperador cahia exanime em Queretaro, pode dizer-se, victima mal aconselhada do seu proprio valor pessoal e da nefanda politica de Napoleão III.

Depois de restabelecida a constituição e a paz, o governo confiou um posto militar importante ao general Corona, e n'elle prestou grandes serviços á ordem e á liberdade da sua patria, restabelecendo o principio de auctoridade e exterminando só com 3:000 soldados, mais de 12:000 revolucionarios, que pretendiam, ao grito de *viva a religião* — o roubo, e a destruição da propriedade, debaixo do lema de *liquidação social*.

A maior parte d'esta gente feroz era composta de estrangeiros procedentes das legiões imperiaes, e pode avaliar-se por isto o serviço que Mexico deveu ao general Corona.

Resumindo uma noticia biographica que as condições do nosso jornal não nos permitte alongar, por mais que tenhamos de sobejo material para fazel-o, apraz-nos consignar, por ultimo, que o general Corona illustre decano do corpo diplomathico em Madrid, tem correspondido sempre á confiança e prestigio que gosa com o seu governo, fazendo-se respeitar e querer desde as mais altas regiões da sociedade até ás mais humildes do jornalismo e da politica do paiz em que tem residido. Assim acontecerá tambem entre nós e o recebimento que á sua chegada lhe tributou a imprensa portugueza é uma prova do bom nome e respeitoso conceito que o acompanha na missão importante de estreitar relações de amizade e commercio entre Portugal e Mexico, duas nações irmãs pela identidade de origem, de civilisação e de amor patrio.

O AMAZONAS

Não é só um dos maiores rios do mundo, o Amazonas, é um dos mais formosos e pittorescos.

Mas é tambem um dos mais conhecidos e dos mais falados, e depois do que disseram do Amazonas, Humboldt, Bouguer, Hart, Condamine, Wallut, e Verne que poderemos nós dizer mais?

Limitamo-nos por isso a apresentar simplesmente aos leitores do OCCIDENTE, essas varias paizagens do Amazonas, uns bellos desenhos de Antonio Ramalho, uma das radiantes esperanças da arte portugueza moderna, o artista trabalhador e talentoso, que os leitores do OCCIDENTE conhecem já muito bem, e que está em Paris completando a sua educação artistica.

O CONTRA ALMIRANTE
JOAQUIM PEDRO CASTELBRANCO

Mais um dos 7:500 bravos, hoje mui raros, que desembarcaram nas praias do Mindello para libertar a sua patria do jugo do poder absoluto, baixou á sepultura na ilha da Madeira, tendo fallecido no dia 16 de junho proximo passado.

Nasceu Joaquim Pedro de Castelbranco em 11 de junho de 1810 na ilha da Madeira, descendendo d'uma numerosa e distincta familia d'aquella ilha, e veiu para Lisboa em 1821 acompanhando

seu pae o dr. Mauricio J. de Castelbranco Manuel, natural do reino, então residente n'aquella ilha, por se ter para alli retirado em 1807 por motivo dos exercitos francezes terem invadido Portugal. Foi eleito deputado pela ilha da Madeira ás côrtes geraes constituintes, reunidas em Lisboa em 1821 pela mais livre e espontanea vontade popular, que se seguiram ao grande movimento popular de 1820, que conquistou a liberdade em Portugal.

Depois de cursar as aulas para obter os conhecimentos preparatorios, matriculou-se Joaquim Pedro de Castelbranco no 1.º anno da Academia Real de Marinha que frequentou com distincção; e tendo obtido o premio ou partido de aspirante foi nomeado voluntario de escala em 4 de agosto de 1828. Frequentou a Companhia dos Guardas Marinhas, seguindo-se-lhe o tirocinio de embarques; e foi despachado guarda marinha extraordinario em 26 d'outubro de 1830; guarda marinha effectivo em 27 d'agosto de 1832; segundo tenente da armada em 20 d'outubro de 1832; primeiro tenente em 22 de novembro de 1834; capitão tenente graduado em 12 de dezembro de 1844; capitão tenente effectivo em 6 de novembro de 1851; capitão de fragata addido ao Corpo de Veteranos de Marinha em 3 de março de 1858; capitão de mar e guerra addido ao mesmo corpo em 19 de dezembro de 1867; contra almirante reformado em 31 de dezembro de 1868.

Embarcou na fragata *Diana* em 11 de setembro de 1828; na charrua real *Maia Cardoso* em 4 de novembro, que seguiu viagem para Angola e outros portos d'Africa; na corveta *D. João I* em 16 de junho de 1831, embarques estes como tirocinio para o posto de 2.º tenente; na corveta *Juno* em 4 de fevereiro de 1832; no transporte *Sophia* em 14 de fevereiro de 1832; no brigue *Villa-Flor* em 2 de novembro de 1832; no brigue *23 de julho* em 26 de novembro de 1832; na escuna *Liberal* em 31 de janeiro de 1833; na *Canhoneira* em 25 de março de 1833; na fragata *Rainha* em 15 de julho de 1833; na corveta *Portuense* em 8 de novembro de 1833; no brigue *Folk* em 23 de março de 1834; no hiate *Soledade* em 12 de maio de 1834.

Tinha o contra almirante Joaquim Pedro de Castelbranco a medalha das campanhas da liberdade; era cavalleiro da ordem da Conceição, cavalleiro de Aviz e commendador d'esta ordem. Tinha condecorações extrangeiras taes como a de S. Estanislau da Russia, a de corôa de Carvalho da Hollanda.

Quando em 11 de junho de 1831 entrava no Tejo a esquadra franceza, commandada pelo almirante Roussin achava-se o guarda marinha Joaquim Pedro de Castelbranco embarcado na corveta *D. João I*, e foi esta corveta um dos navios aprisionados pela esquadra franceza. Então retirou-se no mesmo dia com alguns dos officiaes seus camaradas do mesmo navio, para bordo d'uma das embarcações francezas que os levaram a Toulon; emigrando assim para França pelos seus principios liberaes, e certos factos que se deram na corveta *D. João*, adversos ao governo, que muito os compromettiam. As auctoridades francezas mandaram-o para Belle-Isle, aonde depois embarcou na corveta *Juno* que o levou á ilha Terceira. Fez parte da expedição que, partindo da ilha Terceira, veio desembarcar nas praias do Mindelo 7:500 valentes liberaes commandados pelo duque de Bragança D. Pedro IV.

No cerco do Porto prestou tambem relevantes serviços; commandou por algum tempo a marinhagem destacada na serra do Pilar em fevereiro e março de 1833, e juntamente com officiaes da marinha, prestaram um arriscadissimo serviço, entrando e saindo a barra do Porto, debaixo d'um fogo vivissimo da margem esquerda do rio, com o fim de abastecer os sitiados, aonde quasi tudo faltava.

Assistiu ao combate naval de 11 de outubro de 1832, fazendo parte da guarnição do brigue *23 de julho* da pequena esquadra que commandava Sertorius.

Depois de tantos e tão elevados trabalhos, não podia deixar de resentir-se a saude de Joaquim Pedro Castelbranco por forma a não poder continuar um serviço tão activo, e por isso foi addido ao Corpo de Veteranos da Marinha, e encarregado da capitania do porto do Funchal e respectivo departamento maritimo, aonde alguns serviços prestou ainda, lembrando sempre e propondo aos successivos governos da metropole os melhoramentos indispensaveis de que carece aquella tão importante estação naval; propostas que, infelizmente até ao presente quasi que hão sido desattendidas, e não executadas. Desempenhou durante muitos annos aquelle emprego; agravando-se-lhe porém horrivelmente, nos ultimos tempos, os seus padecimentos nada lhe era permittido fazer.

Em qualquer das circumstancias em que se achou recebeu, sempre agradecido, provas de consideração e obsequios dos cavalheiros de que é composta a distincta corporação do commercio n'aquella ilha, quer nacionaes quer extrangeiros. Outras tantas recebeu da esclarecida Imprensa Madeirense e de muita estima dos seus compatricios, que bem significativas provas de sentimento manifestaram pela sua morte.

J. F. de C.

O GRANDE HOTEL DO BOM JESUS DO MONTE

Muito superior o todos os melhores hoteis de provincia, o Grande Hotel do Bom Jesus de Braga, cujo fachada a nossa gravura reproduz, é egual aos primeiros grandes hoteis de Lisboa pelo seu excellente serviço, pelo seu luxo, pelo seu aceio cuidadosissimo, pela belleza da sua cosinha, em summa por todos os requisitos que constituem um hotel de primeira ordem.

A situação excepcional em que está collocado, porém, e as qualidades egualmente excepcionaes do seu proprietario, fazem do Hotel do Bom Jesus, sem contestação, o primeiro hotel do nosso paiz.

Situação não a póde haver mais formosa, mais pittoresca e mais sadia. Collocado no alto da bella montanha do Bom Jesus, o grande hotel tem a sua fachada para a lameda da matta, assombreada pelas enormes arvores seculares, e para a banda de traz, as janellas dos quartos deitam para o vastissimo e explendido panorama que se disfructa do alto do monte, esse panorama risonho e enorme, que abrange dezenas e dezenas de leguas de verdura e de frescas paysagens, entre as quaes se destacam ao longe os telhados vermelhos da cidade de Braga.

O proprietario do hotel aproveitou com um profundo gosto artistico a bella situação do seu estabelecimento, mandando-lhe edificar uma vastissima casa de jantar n'uma rotunda, uma especie de mirante, cheio de janellas para todos os lados, para a matta e para o amplo panorama que a defronta, casa de jantar originalissima, d'um pittoresco encantador, como difficilmente se poderá encontrar egual no nosso paiz.

Chama-se Gomes o proprietario do hotel e é um dos homens mais emprehendedores, mais activos, mais laboriosos de Portugal. Em Braga chamam-lhe o Burnay do Minho. O Gomes é um cavalheiro estimabilissimo, amavel, sympathico, intelligentissimo e de uma probidade reconhecidissima. Braga deve-lhe muitos dos seus melhoramentos, deve-lhe o ascensor do Bom Jesus, esse magnifico ascensor, o primeiro que houve em Portugal, que acabou com a fatigante ascensão ao monte, e que é um dos melhoramentos mais notaveis do nosso paiz, n'estes ultimos tempos.

O Occidente occupou-se já largamente d'esses ascensores que se devem á iniciativa arrojada, á tenacidade inquebrantavel do sr. Gomes.

Depois do ascensor, Braga deve a Gomes a elegancia do seu hotel do Bom Jesus, a fama enorme que elle tem por todo o paiz e que leva á pittoresca matta milhares de *touristes* porque lhes garante o que poucos hoteis garantem, um passadio excellente e todo o confortavel de suas casas.

Porque, e chegámos á qualidade predominante do Hotel do Bom Jesus, áquella que o torna unico entre todos os hoteis de Portugal, o hospede é recebido pelo Gomes no seu hotel, não como um freguez que vae alli passar uns tantos dias a troco d'uns tantos reis, mas sim como um amigo que se recebe com todas as honras e a quem se prestam todos os obsequios. A preoccupação constante do sr. Gomes é essa; é tornar o seu hotel o mais agradavel possivel a quem o frequenta, é adivinhar os mais pequenos desejos dos seus hospedes, para lh'os realisar como que por encanto, é fazer com que todos alli encontrem o seu *chez soi* com todo o seu bem estar, o seu confortavel, a sua tranquillidade.

É por isso que quem uma vez é hospede do Hotel do Bom Jesus nunca mais esquece os dias passados n'esse hotel e fica tendo mais um amigo sincero e apreciavel, o Gomes.

E é ver quando o Gomes vem a Lisboa todos aquelles que se hospedaram no seu hotel a disputarem o tel-o por hospede em suas casas, o que é ao mesmo tempo um prazer e uma gratidão, gratidão porque as finezas que o sr. Gomes prodigalisa aos seus hospedes não se pagam na conta, nem elle tenta fazel-as pagar, porque essas contas são extraordinarias tambem, mas pela sua modicidade, um prazer porque o sr. Gomes é um bello companheiro, um intelligente conversador, um perfeito *gentleman*, em summa.

O Occidente publicando hoje em gravura a fachada do Grande Hotel do Bom Jesus, regista como é do seu dever um dos mais notaveis estabelecimentos do nosso paiz, que por uma coincidencia que raro se dá, está situado d'um dos sitios mais pittorescos de Portugal.

G. L

NOSSO COMPADRE DIABO

(Concluido do n.º 201)

II

A do almocreve dava gritos nervosos.

— Mas cale-se, fuja, creatura, vá para o seu marido, vá para o diabo, dizia-lhe o frade em voz saccudida. E a meza com garrafas de vinho, viandas frias, copos cheios, paios e presuntos de formato babylonico!...

— Mas por onde fugir? gemia ella estorcendo as mãos.

— Sei lá. Por onde entrou, Ah! nunca você aqui viesse! Entreolhavam-se tresvairados. O frade esquadrinhava os cantos. Nem um só palmo de armario ou cubiculo onde occultar aquelle fructo prohibido

Então encolheu os hombros, tomou uma seccura cynica, e estendendo o beiço n'um momo egoista:

— Vá pela janella. E prestes!

Perpetua correu lá. Os diabos que estavam por baixo, embuçados, a fingir povo, entraram de algazarra, galhofando de terem apanhado em flagrante a mulher do almocreve. A desgraçada inda recusou por instantes atirar comsigo para a cerca, não vendo escada para descer: de repente precipitou-se. A altura era grande, — ora partiu uma perna...

III

Ao outro dia de manhã, o almocreve que aponta atraz das mulas, nos corregos pedregosos d'entre serras. Vinha de humor alegre, com vontade ao almoço e saudades da mulher. Não lhe fôra a jornada infeliz, não senhor, que ia subindo o preço dos vinhos, e estava a farinha por uma bagatella.

Elle carregava tinto da aldeia para Beja, e trazia de Beja farinha para vender na aldeia. O dia estava brumoso, pedaços de nevoa pelas escarpas, humidades frigidas nas relvas, rumores de vento na folhagem. Hum! dizia o maltez farejando os ares. Os grous passam muito alto para a serra. Signal de chuva. — Ia chegando ao tufo das velhas oliveiras, era n'uma baixa do caminho. Apenas o avista, a sineta do convento, linguareira, começa logo:

— *Tres! Tres! — Tres! Tres!*

Elle nada satisfeito co'a chafra-nafra, carregou o barrete nos olhos.

Ding-dong! Ding-don! accrescentavam os sinos. Nos hortos de roda havia penumbras sinistras; uma pellugem rara de gramas e macellas cobria o terreno gretado; pela esquerda, as aguas verdenegrrs gorgolejavam por baixo de uma ponte desmantelada; e galhos de faias sem folhas, freixos, choupos, marmeleiros, uma confusão de troncos vergados nos longes, davam na alma tragicos calafrios.

— Que terá feito o diabo de minha mulher? ia pensando o almocreve. E por acaso, voltando a cabeça, viu o despenhado no seu cavallo negro, fumando cachimbo entre as velhas oliveiras.

— Dá-me a guardar o mais rico thesouro no meio de florestas trilhadas por ladrões, diz-me que procure um negro nos sertões inhospitos, ou certa gotta de agua no mais insondavel oceano. Tudo farei, por minha fé! Mas não me entregues mais tua mulher.

— E então dura de guardar?

O diabo assobiou.

— Digo que tem manhas de fazerem maluco o proprio diabo.

— Ora muito me contas.

— Fez-me suar, falando serio. — E o diabo referiu tudo ao almocreve, as ceias, o baile, a historia do defuncto, e a sova no frade.

— Ia saltar para a cêrca, zás! partiu as pernas. Bem feito!

— Coitada! disse pezaroso o almocreve. Já agora cura-lh'as, dou-te a minha alma em pagamento.

— A alma! És da escóla antiga, já vejo. No fim de contas a alma é a bolsa.

— Por isso mesmo, dou-t'a. Está despejada, accrescentou elle a rir. Mas prudente, nunca mais fez jornadas atraz das mullas, esse diabo do almocreve.

Fialho d'Almeida.

PAISAGENS DO AMAZONAS (Desenho de Antonio Ramalho

JOÃO MARIA FEIJÓO

(Continuado do n.º 200)

Effectivamente em 1836 fôra João Maria Feijóo nomeado para uma commissão importantissima, e em cujo desempenho empregou toda a sua actividade e energia. Tratava-se nada menos do que procurar na antiga egreja do Convento de Sant'Anna os ossos do nosso grande épico — Luiz de Camões.

Fôra o poeta Antonio Feliciano de Castilho quem, perante a sociedade recentemente formada dos *Amigos das Lettras*, fez uma proposta para aquelle fim. Approvada ella nomeou-se uma commissão composta dos referidos Feijóo e Castilho, do professor da Academia de Bellas Artes, Francisco de Assis Rodrigues, aos quaes se aggregaram Augusto Frederico de Castilho, o morgado de Assentiz e Gonçalo Vaz de Carvalho, depois visconde de Monsão, conhecidos pelo seu saber e espirito culto. Installou-se a commissão e inaugurou os seus trabalhos a 7 de setembro d'esse anno, proseguindo n'elles como fica dito a pag. 99 do nosso 3.º volume. Essa primeira tentativa ficou mallograda por motivo da revolução politica que estalou poucos dias depois. Feijóo, a quem havia sido incumbido todo o trabalho de exploração, fez ainda algumas tentativas para reunir a commissão, mas vendo que o estado de effervescencia politica não era sufficientemente azado para que se podessem procurar os ossos de um poeta, desapparecido havia seculos, embora se chamasse Camões, repoz tudo no antigo estado, e cessou com os trabalhos.

Durante dezoito annos ficou este assumpto em esquecimento, mas logo depois do fallecimento de Garrett, 9 de dezembro de 1854, tornou a reaparecer aquella ideia. Effectivamente nomeou-se uma nova Commissão da qual fizeram parte os membros da antiga Feijóo e visconde de Monção e mais os srs. Visconde de Juromenha, Carlos da Silva Maia, doutor Cicouro, e José Tavares de Macedo, que foi o seu secretario. Ainda d'esta vez foi o sr. Feijóo quem dirigiu os trabalhos de exploração, levantou as plantas e fez os desenhos necessarios, desenhos que, como se diz no artigo referido, debalde se procuraram no Ministerio do Reino, tendo-se ou extraviado, ou desencaminhado do logar competente, pois não se achou junto ao relatorio, que depois foi publicado pela imprensa.

Seja qual fôr a opinião que o publico e nós tenhamos formado do resultado d'essas pesquizas, o facto é que ellas deram em resultado encontrarem-se uns ossos, entre os quaes a commissão julgou que deviam achar-se os de Camões, e que pomposamente foram transportados para a egreja de Santa Maria de Belem, e alli depositados no dia 8 de junho de 1880. (Veja-se o nosso n.º 60 d'esse anno).

Embora pois haja quaesquer deficiencias no Relatorio publicado, e são muitas, o facto que nos interessa agora é que o nome de João Maria Feijóo ficará vinculado ás duas tentativas que se fizeram n'este seculo para descobrir os restos mortaes de Luiz

O contra almirante Joaquim Pedro Castelbranco fallecido em 16 de junho de 1884 (Segundo uma photographia de Fritz)

O grande hotel do Bom Jesus, em Braga (Segundo uma photographia)

de Camões, e que se essas tentativas não produziram resultado indubitavel, não foi por culpa do activo engenheiro que empregou n'ellas todo o seu zelo, boa vontade e energia. Consta-nos que entre os seus papeis se devem achar alguns elementos relativos a esse assumpto, e o que se acha referido no 3.º volume do nosso periodico, com relação a este objecto, é fundado sobre apontamentos fornecidos pelo mesmo sr. Feijóo.

Não foi esta a unica commissão importante que João Maria Feijóo desempenhou, pois os governos querendo aproveitar a sua intelligencia, conhecimentos e actividade, nomeavam-n'o para todas aquellas, onde podia ser util a sua competencia, e por isso não é de espantar alguma falta de methodo nos seus trabalhos.

Já em 1834 havia sido encarregado a 18 de março, de levantar a planta das fortificações que formavam as linhas de defeza da capital. Fez parte da commissão encarregada de formar os estatutos para a fundação da Academia das Bellas Artes de Lisboa, sendo louvado pela intelligencia, zelo e amor do bem publico com que desempenhou essa commissão. Fez tombem parte do jury nomeado para a escolha do projecto preferivel para a construcção do theatro de D. Maria II.

Foi encarregado de dirigir as obras necessarias no edificio da Luz para alli se tornar a installar o Real Collegio Militar, depois de haver estado cerca de quinze annos em Rilhafolles e passado para Mafra, e foi louvado pelo zelo e intelligencia com que dirigiu essas obras.

Tambem havia sido incumbido de dirigir as do dique do Arsenal da Marinha, e foi tambem louvado pelo zelo e bom serviço que prestou n'essa commissão.

Tambem fez parte da commissão encarregada da erecção do monumento a D. Pedro IV.

Pertenceu egualmente a outras commissões não menos notaveis, taes como a que foi encarregada de dar parecer sobre a reforma dos estudos do Collegio Militar; outra incumbida de propor alterações no ensino de desenho do mesmo Collegio sendo louvado pelo serviço que a ellas prestou.

Em 1863 foi nomeado membro da commissão encarregada de formular o projecto de reforma da Escola do Exercito e Collegio Militar.

Tambem fez parte de uma commissão encarregada de examinar o dique do Arsenal da Marinha; e fez, como vogal, parte do jury ou commissão encarregada de dar parecer sobre a proporcionalidade dos preços das esculpturas para o Arco da Praça do Commercio. Era tambem vogal do conselho de instrucção militar.

Era ainda actualmente vogal da Commissão Central 1.º de Dezembro, membro e vice-presidente da Associação dos Architectos e Engenheiros civis, e Academico de merito da Academia de Bellas Artes de Lisboa.

Na regencia de sua Cadeira de Architectura era assiduo, e os seus discipulos encontraram sempre n'elle além de um mestre illustrado e digno, um amigo certo. Acompanhando a theorica com a pratica desenhava com extrema facilidade, rapidez e perfeição, tornando assim assaz proficuas as suas licções. É notavel que quasi todos os discipulos da antiga Academia de Fortificação desenhassem bem.

Tinha quasi cincoenta annos quando foi promovido a capitão a 18 de setembro de 1850, o que causaria hoje não pequena admiração e lamentos, mas até então era o regular nas armas scientificas. A 21 de outubro de 1857 foi graduado no posto de major, cuja effectividade obteve a 27 de fevereiro de 1861. A 2 de novembro de 1864 foi promovido a tenente coronel e a coronel a 27 de fevereiro de 1866, tendo já sessenta e cinco annos de edade. Passou ao estado maior general pela sua promoção a general de brigada a 5 de janeiro de 1869, sendo finalmente reformado no posto de general de divisão a 12 de março do corrente anno.

Como lente foi agraciado com o augmento do terço do ordenado em 4 de setembro de 1855, e jubilado e nomeado director de estudos da secção das sciencias de construcção a 29 de agosto de 1865.

Não obstante os seus longos annos de serviço e as inumeras e importantes commissões, que desempenhou, tinha apenas como distincções honorificas a carta de conselho e as commendas das ordens de Christo e S. Thiago, porque o grau de cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz e a medalha das campanhas da liberdade, algarismo n.º 2, que tambem possuiu, eram-lhe devidas por direito.

O seu funeral foi digno e impressionava pela singularidade do prestito. N'aquelle cadaver encerravam-se tres personalidades distinctas, o official de engenheiros, o professor, e o inspector dos incendios que por tantas vezes pôz em risco a sua vida para salvar a dos habitantes de Lisboa. O logar de honra pois na manifestação funebre cabe á corporação dos bombeiros e ao seu digno inspector o sr. Carlos José Barreiros. Apenas a este constou o passamento do seu digno antecessor determinou em ordem á corporação de que é chefe, que esta acompanhasse o prestito na fórma devida, como se fosse elle proprio o finado. Immediatamente pôz á disposição da familia do fallecido general uma carreta. O prestito abria pelos convidados, seguia-se a corporação dos bombeiros voluntarios de todas as denominações e municipaes em força de mais de 200, e logo apoz a carreta sobre a qual ia o feretro coberto com um panno de veludo, todo envolvido na bandeira nacional, conduzido por um piquete de bombeiros e ladeado por dez individuos d'esta corporação com tochas nas mãos. Fechava o prestito um esquadrão de lanceiros.

Havia-se reservado um logar para a corporação da escola do exercito, mas a não ser alguns lentes que compareceram, como particulares, estranhou-se que nem o corpo docente, nem o dos alumnos se fizesse representar como corporação.

No cemiterio prestaram as devidas honras funebres os corpos da guarnição.

Passados dias a illustre vereação de Lisboa, na sua primeira sessão depois d'aquelle acto, ao qual compareceu por delegação, mandava lançar na acta um voto de sentimento por tão sentida perda.

Morreu João Maria Feijóo pobre, como succede em Portugal a todos os que não sabem tirar lucros dos seus empregos.

Descance em paz o velho, activo e cançado trabalhador, e fique o seu nome honrado e incorrupto como brazão á sua familia, e como exemplo aos futuros obreiros da civilisação.

J. B.

A EXPOSIÇÃO AGRICOLA OFFICIAL

(Continuado do n.º 200)

A QUINTA REGIONAL DE CINTRA

Cintra!... basta-lhe o nome, que se não é formoso, se emmoldura n'uma dupla seducção, — a das suas galas alpestres no cambiante das suas varzeas odoriferas, e a da moda estreitamente abraçada a umas reviviscencias poeticas.

A sete kilometros d'este ponto notavel e avisinhando-se mais da estrada que encurta o trajecto de Lisboa a Mafra, encontra-se como se fôra uma larga bacia formada pela configuração e relevo do terreno, a quinta regional de Cintra. No povoado em volta, é mais conhecida pela denominação de quinta do marquez. Vem ella, muito naturalmente, do facto de pertencer ao titulo do celebre ministro de D. José I.

A organisação dos estudos agricolas, que é já da nossa epocha, deu-lhe a denominação com que a designamos e mais em harmonia com o instituto a que obedece a actual exploração d'esta propriedade.

Importante na sua regra, a quinta regional de Cintra, cuja exposição vamos descrever rapidamente, é por emquanto um estabelecimento unico no seu genero, entre nós, muito embora se tenha dito muitas vezes e concordado outras tantas, que Portugal é um paiz essencialmente agricola.

Funcionando como quinta de ensino, pertence-lhe, pelo collegio de regentes agricolas, o papel da vulgarisadora dos methodos e processos de cultura aperfeiçoada. Como estação experimental para o tirocinio dos agronomos é chamada a auxiliar a formação de algumas das aptidões que, com muitas outras, constituem o engenheiro agricola.

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 201)

V

Os parentes ricos

D. Perpetua ficou que nem o padre Santo Antonio, e a mulher do conselheiro ainda se riu d'ella com o maior descaro e o mais extranhado desdem.

— Ó filha, anda meio mundo para enganar o outro.

E andava!

Quando Gilberto soube do caso ficou como se lhe pregassem um calote furioso.

— Ora quem me manda a mim cair em araras, afinal são todos uns pelintras.

Depois do conselheiro havia ainda um outro parente rico que só lá de mezes a mezes se mostrava em duplice, de carruagem particular, trintanario, esposa espaventosa, creada surida e bem falante, e dois meninos mexilhões que nada podiam vêr no seu logar.

Era um abastado commerciante ultimamente retirado aos ocios da vida intima.

Esse tinha a mania das edificações.

Cada vez que ia a casa de Gilberto deixava-lhe o plano de uma nova obra.

D. Perpetua chamava-lhe o bota a baixo.

— Ó mano porque não rasga vossê essas janellas da casa de jantar? e aquelle tabique da casa de banho? Vá não se faça fôna. Para que arrecada vocè o dinheiro.

E Gilberto sorrindo contrafeitamente não se atrevia a dizer que não.

— Já tenho pensado n'isso... Effectivamente o mano tem razão.

— Pois pense menos e obre mais. Amanhã cá lhe mando o meu mestre, olhe que é pessoa de confiança. Deixe o negocio por conta d'elle.

— Mas agora o tempo não é dos melhores... os dias são pequenos... tão depressa amanhece como logo é noite

— Não se faça ridiculo, se todos pensassem d'esse modo, ninguem dava que fazer no inverno e os operarios morriam de fome, justamente na quadra em que a vida se torna mais cara.

E n'uma entonação declamatoria, proseguia de bocca cheia.

— Não seja assim Gilberto, não se faça egoista, não explore o suor do pobre.

Gilberto, com as orelhas muito vermelhas, olhava-o com espanto, e perguntava a si mesmo se o que estava ouvindo era um gracejo do mano ou uma descompostura a valer.

Depois o mano rico desentranhava-se em elogios a si proprio.

— Estava vossê bem para ser como eu, tenho operarios ha tres annos, e quando adoecem ou lhe succede algum desastre, a sua feria entrega-se-lhe religiosamente.

Gilberto applaudia meneando a cabeça gravemente.

A mulher do negociante retirado, suspendia um momento a conversação com a dona da casa para esclarecer um ponto essencial no tocante á philantropia do marido que a modestia d'elle deixava por esquecimento no escuro.

— Olha menino, e o que tu fizeste ao Thiago.

— Lembras bem... o Thiago... é verdade, o que eu fiz ao Thiago?!

E com ares de grande basofia, assoprando, estendendo as pernas e deitando a Gilberto olhares despresadores, disse-lhe da cadeira todo repimpado e todo ancho.

— Vossê está na lua! puff, puff... vossê está a lêr.

Gilberto torcia-se todo.

Aquelle mano era de uma parlapatice que o incommodava, mas que remedio senão calar-se.

Elle era rico e ainda lhe podia servir para alguma coisa.

A gente não sabe para que o está n'este mundo.

O dia de amanhã pertence a Deus, e de telhas abaixo cá n'esta vida os ricos são na terra como Deus no Céo.

Era preciso tratal-os com delicadeza, mãosinha por baixo, mãosinha por cima, para que não se escandalisassem.

As susceptibilidades dos ricos não eram como as dos pobres, pequenas tempestades em copo de agua que D. Perpetua desfazia com duas cantigas ao canto da dispensa.

Como coudelaria viveiro, e estabelecimento de exploração e de aperfeiçoamento d'outras especies pecuniarias além da equina, tem a facilitar o caminho pelas suas indicações, para se alcançar, na sua mais desafogada possibilidade, o valor industrial para que propende a agricultura moderna.

* * *

Quatro plantas em relevo, uma, geral da quinta, contendo as construcções, as indicações das culturas, os serventios, e o curso das aguas, na escala de $\frac{1}{2000}$; outra do annexo, denominado a *tapada das Mercês*, com as indicações correspondentes, e na mesma escala; a terceira de um prado; e a quarta representando a escola de participação e irrigação; permittem, com a planta geologica, amostras de solos e sub-solos e respectiva classificação feita por Carlos Ribeiro, apreciar os recursos que, dentro do perimetro do mesmo estabelecimento, encontra a sua direcção para poder satisfazer á missão do ensino profissional, e dizem-nos qual a orientação a que obedecem os respectivos methodos e processos, cujo fundamento scientifico teremos occasião de mencionar opportunamente quando nos referirmos á secção da exposição official que está installada ao fundo do respectivo pavilhão — O Instituto Geral de Agricultura.

O material d'ensino do estabelecimento, cuja exposição vamos descrevendo, podia estar mencionado em quadros d'inventario e ao mesmo tempo explicativos das photographias que representam as officinas agricolas, e ornamentam uma das galerias do pavilhão. Na falta d'aquelles quadros, o visitante encontrou o respectivo catalogo.

Em todo o caso a lacuna é nenhuma, porquanto tanto o methodo seguido n'esta installação, como a necessidade de auxiliar as lições aos differentes annos do internato com os modelos a ellas adequados, fizeram com que se possa avaliar n'estes a disposição d'algumas construcções já effectuadas na quinta regional; a do material agricola destinado aos transportes, os processos de algumas outras questões importantes do ensino, e como é de ver nos diagrammas meteorologicos, nos exemplares da escripturação agricola e nos quadros dos resultados obtidos no campo d'experiencias.

A leitaria, porém está representada no material effectivo com que funcciona na quinta regional.

O aperfeiçoamento no fabrico da manteiga, para que tão efficazmente concorre o emprego d'esse material, melhor se affirma d'este modo na sua importancia, postas que sejam tambem com elle as necessarias e concludentes explicações.

O estabelecimento de que estamos tratando completou a sua exposição, no interior do pavilhão, apresentando differentes productos agricolas cuidadosamente dispostos n'umas elegantes *étagères;* e affirmou que vulgarisa, na medida da sua influencia, o uso da moderna alfaia agricola, grupando em torno do pavilhão, e no terreno do parque, parte do que emprega nas operações culturaes; assim como concorreu com os productos da respectiva exploração pecuaria, e nos termos por nós já indicados, para uma revelação que os competentes julgam valiosa.

Estes productos foram expostos em dois annexos ou estabulos circulares.

Dos equideos e bovideos apresentados, minuciosamente trata o catalogo a que já alludimos.

A apicultura, com os seus utensilios elegantes, e ao mesmo tempo proprios ao estudo especial do assumpto, ficou egualmente installada n'um outro annexo.

No seu conjuncto, a installação que constitue a exposição da quinta regional de Cintra accusa, por seu turno, que a direcção superior que presidiu e ordenou o agrupamento de cada uma das secções da exposição agricola official foi bem secundada pela exacta comprehensão das suas deliberações.

Sem exaggerar a importancia do facto, congratulemo-nos todavia com elle, pela auspiciosa affirmação que representa, pelos incitamentos que segundo o nosso criterio convém dotar de maiores e mais numerosas energias, e que n'elle como que vemos muito sensatamente prefaciados.

(Continua) *F. Julio Borges.*

RESENHA NOTICIOSA

Restabelecimento. Regressou á capital o proprietario e director artistico do nosso periodico, o sr. Caetano Alberto da Silva. Accommettido, no principio de março ultimo de uma doença grave, poude felizmente, vingar da sua gravidade, e nos ares e nas aguas de Cintra encontrou a melhor medicina para o seu restabelecimento. Em poucos dias retomará a sua parte nos trabalhos da direcção que lhe competem, e o publico terá por esse motivo, que se felicitar comnosco, pelo vermos restituido á sua familia, aos seus amigos e á arte, de que é dedicado e intelligente cultor.

O cholera. Tem continuado em estado quasi estacionario a epidemia do cholera em Marselha e Toulon. N'esta ultima cidade parece tender a diminuir, e em Marselha o dia peior foi o 16 em que houve 103 obitos. N'esse dia tambem houve casos em Nimes, Arles, etc. Já depois tem havido varios casos, n'estas cidades, marginaes do Rhodano, mas segundo as ultimas noticias parece achar-se a epidemia em declinação. Comtudo parece que as providencias adoptadas pelo governo francez, tem feito circumscrever e limitar o flagello aos pontos primeiramente atacados, sendo de crer que dentro de algum tempo o mal tenha desapparecido.

Providencias e previdencia. O governo, na hypothese de que a epidemia do cholera podesse estender-se e chegar a invadir Portugal, tem não só sido rigorosissimo na applicação das quarentenas aos navios provenientes de portos infectados ou suspeitos, mas tem feito nomear commissões em todas as capitaes de districto, cabeças de concelho e de freguezia afim de adoptarem os meios convenientes para prevenir a invasão da epidemia, ou para minorar a sua acção, caso ella nos invada. Applaudimos tão sensato e previdente procedimento.

Incendio. No dia 21 de julho ultimo ardia na costa de Caparica, a alguma distancia da barra de Lisboa, uma porção de barracas de madeira, onde habitava uma população de pescadores, e gente vivendo dos trabalhos do mar principalmente. Haviam sido pedidos soccorros ao Arsenal da Marinha, mas quando estavam quasi a partir, foi suspensa a sua ida, porque ulteriores participações davam o incendio por terminado e extincto. As materias leves e inflamaveis foram destruidas em pouco tempo. As barracas eram oitenta e seis casas de parede e telha e pela sua destruição ficaram sem abrigo grande numero de familias. Aos esforços e representações do deputado da localidade, o sr. Jayme Arthur de Costa Pinto, e de outros cavalheiros se devem os promptos soccorros que foram enviados pelos ministerios da guerra, marinha, fazenda, obras publicos e reino, achando-se hoje toda essa gente alojada provisoriamente em barracas de campanha, em quanto se lhes não reparam as suas antigas habitações. Uma subscripção está aberta para acudir ás victimas d'este grande desastre; S. M. el-rei o sr. D. Luiz mandou já entregar ao governador civil do districto 500$000 réis e S. M. a rainha sr.ª D. Maria Pia 250$000 réis para serem distribuidos pelas victimas d'este desastre, e varias pessoas já tem concorrido com roupas, chitas, panno, etc., para o mesmo fim. Esperamos que todos os damnos serão compensados, sendo provadissima a grande caridade que se abriga no coração dos portuguezes.

Carla Serena. Entre as poucas senhoras que vieram aos congressos que se reuniram em Lisboa em setembro de 1880, notava-se uma espirituosa italiana, que as sociedades de geographia de Paris, Stockolmo, Austria, etc. haviam já inscripta entre o numero dos seus socios, e que havia publicado varias relações de viagens, muito notaveis, sendo talvez as mais curiosas, as que tem por titulo: *Uma extrangeira na Persia*, e *Do Baltico ao Mar Caspio*. Carla Serena teria hoje 35 annos pouco mais ou menos. Começára as suas viagens em 1873 visitando a Exposição de Vienna d'Austria por cujo motivo publicou as suas *Lettres d'Autriche*. No anno seguinte partiu para Sto-

---

Hum! tcdo o cuidado era pouco!

E elle partindo d'esse principio, revestia-se de toda a paciencia e procurava haver-se com a diplomacia d'um verdadeiro finorio.

Mas quasi sempre se enganava.

Quanto mais diplomata se queria fazer, menos diplomacia inculcava: tornara-se um verdadeiro e legitimo pacovio, e afinal era sempre elle que ficava de peior partido.

Caía em cada arára, que até espantava D. Perpetua, a ponto de lhe dizer em boa consciencia que elle era um tôlo.

Ora vejam como Deus quer os corações, e fez aquelle Gilberto!

— O que eu fiz ao Thiago ninguem m'o agradeceu nem andou nos jornaes. Esteve sete mezes no hospital por casa de ser bruto, de sorte que lhe cortaram uma perna pela coxa.

— Ai! coitadinho! disseram as mulheres.

— Pois é verdade, mas quem se aguentou fui eu que lhe sustentei alli a familia, a mulher e os filhos que iam para lá chorar a sua desgraça...

Gilberto de commovido até fez:

— Oh!

— É verdade, proseguiu de modo philantropo, sustentei-a talvez um anno.

D. Perpetua desejou saber se Thiago ficara impossibilitado. E a mana respondeu-lhe que sim.

— Ficou. Só com uma perna o que havia elle de fazer?

— Pois não é por falta de eu andar sempre em cima d'elles, quando se arma algum andaime. Até me fazem coleras.... Emfim já lá vae, fiquei-lhe dando uma mezadasita.

— Ainda teve essa consideração, observou D. Perpetua.

— Que remedio, minha senhora! Coitado, era um bom operario; um artista de mão cheia; aquelle ganhava bem a sua feria, porque o trabalho desapparecia-lhe por entre os dedos.

— Nunca se arrependa de fazer bem, mano.

E a mulher acudia pelo marido que estava de pescoço alto e mais entufado que um perú quando abre a cauda, arrasta as azas e estende o vermelho monco.

— Não se arrepende não, dá-lhe todos as semanas alguma coisa... quanto menino?

— Eu sei, ora que idéa!

E ella mortinha por deixar tudo posto em pratos limpos proseguiu:

— Ah! creio que uns dez tostões, mas não é tudo da algibeira d'elle, os operarios contribuem cada um com a sua parte, é a condição com que os admitte.

Gilberto caiu das nuvens, mas por deferencia não se levantou da cadeira em que estava, nem foi á janella tomar ar e distrahir as idéas.

O parlapatão do mano rico esmolava o operario por conta alheia e ainda assim deixava-o morrer á fome.

Elle com dez tostões por semana havia de fazer boas coisas!

D'alli a dois ou trez dias andava tudo n'uma poeira em caso de Gilberto. Era uma invasão de pedreiros e carpinteiros, serrando, martelando, rebocando, e a bolça sempre aberta para o homem da estancia, para a loja de ferragens, para o homem da areia, para os quintos do inferno.

D. Perpetua com o cheiro das tintas soffria enxaquecas; a Joanna andava aos vomitos; os meninos uns pingões, cheios de tintas, enfarruscados, e o senhor enfrenesiado, por causa das dedadas nas humbreiras de fresco, já sem querer saber do quintal, nem dos canteiros das flores, que não viam agua, por quanto o senhor, por causa das obras, até deixava aquelle exercicio hygienico de dar á bomba no quintal, exercicio que o entretinha tanto, e lhe servia de palito de sobremeza.

Até saía mais cedo da repartição, e por casa andava sempre munido de um enorme serrafo, e trazia uns chapeus de abas largas, e uns casacos compridos e exquisitos.

Todo elle eram medidas para a direita e para a esquerda, mais palmo para alli, mais polegada para acolá.

Tinha já a technologia artistica.

— Aquelle pilar não está em esquadria, observava ao encarregado, como quem lhe dava um quinau.

Tambem gostava de cavaquear com os operarios, mas ao levantar do trabalho, e ás escuras a um canto do patim, com meia porta aberta para a rua e a mão no trinco.

Referia-lhes os seus projectos de edificações que trazia de conserva para ao depois, e quando já estava cansado de falar, despedia-os d'este modo.

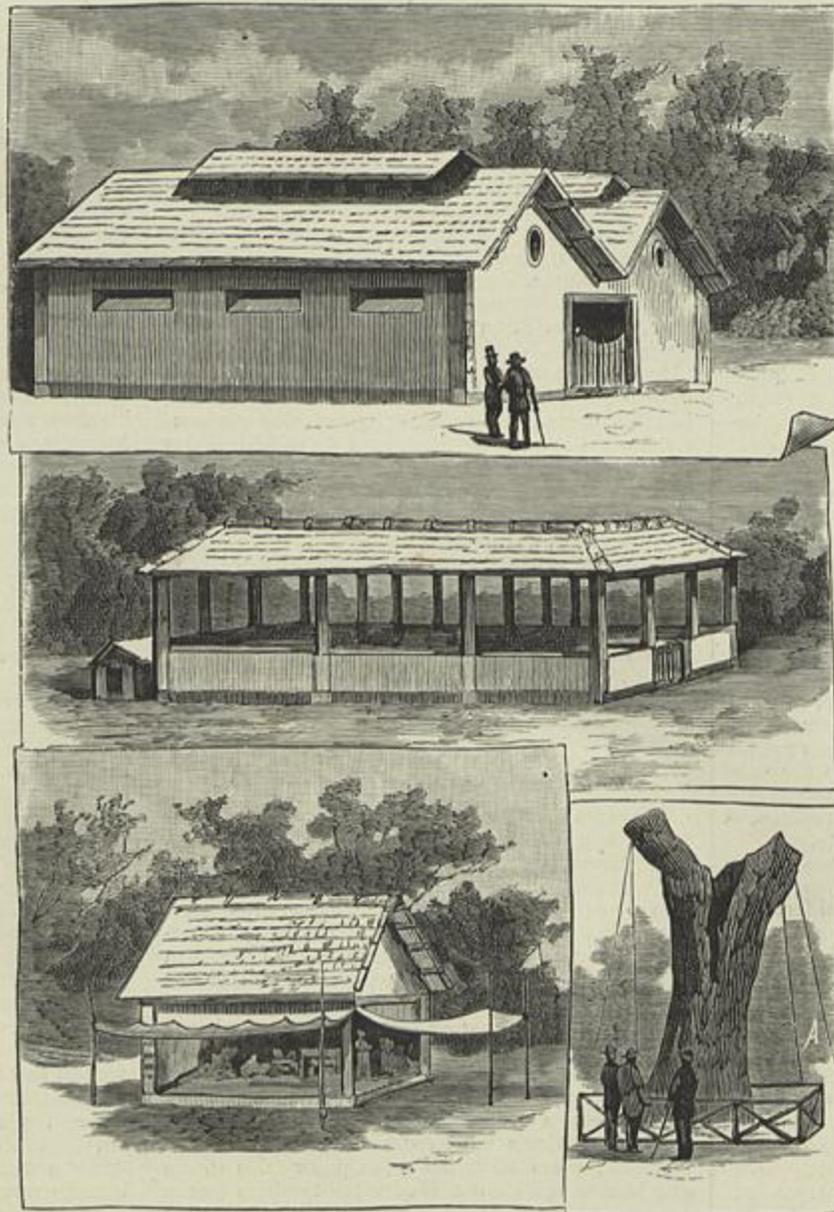
— Vão com Deus e venham ámanhã cedo.

De ordinario, aos sabbados, dava ao que lhe era mais affeiçoado, o seu copo de vinho, recommendando-lhe que não dissesse nada aos companheiros.

— Isto é só cá para a gente, observava-lhe sorrindo de apparente malicia.

(Continúa) *Leite Bastos.*

ckholmo, onde foi recebida pelo rei Oskar com singular protecção, traçando-lhe elle proprio por sua mão o itenerario que ella devia seguir no interior do paiz, para os seus estudos, e dando-lhe cartas de recommendação. Um bello livro sob o titulo de *Lettras scandinaves*, foi o fructo d'esta viagem, que lhe mereceu uma medalha de ouro da sociedade *Litteris et Artibus*. Visitou em seguida a Russia, a Turquia, o Egypto, a Palestina, a Syria, o Libano e a Grecia, sendo tambem n'este ultimo paiz acolhida pelo rei Jorge muito affectuosamente, e nomeada membro honorario do *Syllogus*, associação para o ensino das pessoas do sexo feminino e para a qual escreveu as *Lettres Helleniques*. Passou depois ao Caucaso, onde durante dois annos permaneceu, estudando os costumes das tribus mais feras e remotas das comarcas dos mares Negro e Caspio. Achava-se n'estes paizes quando rebentou a guerra entre a Russia e Turquia; surprehendida por este successo, desentranhou-se em actos de valor e abnegação, que tornaram o seu nome vantajosamente conhecido e lhe valeram enthusiasticos agradecimentos do imperador Alexandre e do grão-duque Miguel. Adoecendo em Bakau, por conselho dos medicos dirigiu-se á Persia, e em Teheran passou o inverno, por causa das neves. Pouco depois se dirigiu pelo Caspio e Volga, penetrando nas comarcas dos Kalmukos, alojando-se na residencia do Lama ou grão sacerdote, que lhe lançou a sua benção. Desceu d'alli ás tendas dos bandistas, e a um seminario de frades moravios em Sarepta. Regressando depois a Moscow, onde foi bem recebida pelo Czar, passou de novo a Vienna, e ahi recebeu o titulo de socia correspondente da respectiva sociedade de geographia. Partiu para Paris, fazendo uma conferencia na respectiva sociedade de geographia, que a nomeou tambem socia correspondente. D'alli veiu ao congresso de Lisboa, visitando os principaes estabelecimentos d'esta cidade e outros de Portugal, procurando observar os costumes populares, e desejando, como dizia algumas vezes, ver o paiz em camisa. Era socia correspondente da associação dos jornalistas e escriptores portuguezes. Seguindo d'aqui para Hespanha, foi recebida galhardamente por SS. MM. catholicas, visitou as suas principaes povoações, fazendo perante a sociedade de geographia de Madrid outra conferencia, que lhe valeu um brilhante discurso de agradecimento e elogio do sr. Canovas del Castillo, e o titulo de membro correspondente da mesma sociedade. Achava-se ao presente na Grecia, onde a morte a surprehendeu na capital Athenas. Sabemos que tinha preparadas e continuava a escrever outras relações de viagem, mas não temos ainda noticias precisas, nem d'ellas, nem do fim prematuro d'esta intrepida e intelligente viajante.

A Armeria de Madrid. Este estabelecimento, talvez o mais importante do seu genero na Europa, foi destruido por um incendio na noite de 9 para 10 do mez de julho ultimo. Parece incrivel que um estabelecimento d'aquella ordem não estivesse de tal maneira garantido de qualquer accidente, que só tivesse a receiar dos cataclismos da natureza. O incendio da bibliotheca de Strasburgo e outros successos d'esta ordem mostram que a incuria e imprevidencia não são exclusivo de Portugal, antes, segundo o que ouvimos contar lá de fóra, não é o nosso paiz o maior peccador d'este genero. Entre as peças importantes perdidas n'aquelle fatal incendio notam-se principalmente as seguintes: a armadura de malha de Affonso V de Aragão, as armaduras de Diogo de Paredes, do duque de Alba, do poeta Garcillasso de la Vega, de Padilla, etc., a espada do Cid, a de Boabdil, segundo dizem (mas ainda ha poucos annos, tanto esta como o estoque, punhal e pequeno cotello d'este rei se achavam em casa dos marquezes de Villaseca) o elmo de D. Jayme, o conquistador, a espada de Pelayo, outra attribuida a Roldão, a de Gonçalo de Cordova, o grão capitão, a de Isabel a catholica, algumas bandeiras tomadas aos inimigos, etc. Estas são verdadeiramente perdas irreparaveis, não obstante as photographias e chromo lithographias em que se acham reproduzidas.

EXPOSIÇÃO AGRICOLA — Secção Margiochi
(Desenho do natural por J. Christino e M. de Macedo)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Diccionario Universal Portuguez Illustrado, sob a direcção de Fernandes Costa, Henrique Zeferino de Albuquerque, editor, Lisboa. Fasciculo 67 que alcança até á palavra *Macrotyloma*.

Solon, *obra illustrada com 4 gravuras*. N.º 7 das biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos, de que é editor o sr. David Corazzi. Este livrinho illucida sobre a historia da Grecia que prende com a vida do grande legislador e patriota *Solon*, o filho mais liberal e avançado da velha Athenas.

Revista de Guimarães, *publicação da sociedade Martins-Sarmento, promotora da instrucção popular no concelho de Guimarães. — Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, rua da Cancella Velha, 62, 1884.* — N.º 1, janeiro, 1884. — É o primeiro numero do Boletim dos trabalhos da benemerita sociedade *Martins-Sarmento* de Guimarães, fundada em Guimarães em 1881 e cuja vida activa começou em janeiro de 1882 tendo já produzido resultados de importancia capital para a instrucção e desenvolvimento do concelho d'aquella cidade, berço da monarchia. A sociedade tomando aquelle titulo, prestou uma homenagem de consideração pelo illustre archeologo, seu conterraneo, que tantos serviços tem prestado ao paiz e á provincia do Minho em especial. Este primeiro numero que é como que a introducção e programma d'esta util publicação contém os seguintes artigos: *Introducção; Rasão d'ordem para o futuro Boletim*, pelo sr. Avelino da Silva Guimarães; *Resposta a uma pergunta: Conviria promover uma exposição industrial em Guimarães?* pelo sr. Alberto Sampaio; *Os nossos socios honorarios* — I F. Martins de Gouveia Moraes Sarmento pelo sr. José de Sampaio; *Chronica*, por A. Germano.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa... Lisboa, Imprensa Nacional, 1833. — 4.ª série, n.os 4 e 5. Contém estes numeros os seguintes artigos: *De como navegavam os antigos portuguezes no começo do seculo* XVI, pelo sr. Luciano Cordeiro; *Guiné portugueza* (conclusão) pelo sr. A. J. Socrates da Costa; *A ilha de Santo Antão* (continuado e concluido) pelo sr. dr F. F. Hoepffer; *Africa occidental portugueza*, a questão do Zaire, nota do governo portuguez ás suas legações em 1883; *Expedição scientifica á serra da Estrella*, e continuação do extracto das actas da sociedade.

Revista de estudos livres, directores litterario-scientificos, dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos. No Brazil: doutores Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Sylvio Roméro. Lisboa, 1884. — É o n.º 5, relativo a julho de 1884 e contém os seguintes artigos: *Poesia philosophica e scientifica*, por Julio Lourenço Pinto; *Dialectos beirões:* II Linguagem popular de Castello-Rodrigo, III uma particularidade phonetica, IV linguagem popular da Matta, por J. Leite de Vasconcellos; — *Romancistas naturalistas:* Eça de Queiroz, pelo sr. Ruy Damaso; — *Oradores sagrados do Brazil*, poesia religiosa e patriotica por Sylvio Roméro; — *Ensaios de economia politica*, por J. Eduardo Gomes; — *A exposição agricola de Lisboa em 1884*, por Filippe de Figueiredo. *Bibliographia*.

Traços azues, pelo sr. Virgilio Varzea, Desterro, Typ. de J. J. Lopes, rua da Trindade n.º 2, 1884 — 8.º de 63 paginas. O titulo logo está dizendo, que é uma collecção de poesias de um joven auctor brazileiro. Falando com toda a franqueza o auctor está ainda muito longe da correcção, força de pensar e limpidez metrica que revela o talento de um poeta. Os seus versos grandes são, pela maior parte, errados na medida, faltos de cadencia e ouriçados de termos novos, dispensaveis, defeito com que muitos novos auctores imaginam disfarçar a falta de conhecimento da sua lingua; ella é rica bastante, e não precisa d'esses ouropeis. Parece tambem que a sua pronuncia não é correcta, porque o vemos rimar muitas vezes *luz* com *azues*, vicio que não sabemos explicar. Em compensação d'estes defeitos os seus versos pequenos são, em geral, bem torneados e mimosos, o que mostra que com tempo, cuidado e estudo o novo auctor virá a produzir obras mais perfeitas.

Le monde poétique, *revue de poésie universelle... Paris, redaction et administration, 14, rue Seguier*, o n.º 2 de 10 julho ultimo, encerra os seguintes artigos: *Le principe poétique* (de Edg. Poe) trad. por Emilio Blémont; *Flux et reflux* por François Cappée; *Les poétes français contemporains:* Leconte de Lisle por Luiz Tiercelin; *Euthanasie*, por Paulo Bourget; — *De la poesie malaise*, por Aristides Marre; *Chronique dramatique*, por João Breton; *Chronique musicale*, por J. B. de Coninck; *Necrologie: Léon Valade*, por Paulo Arène; *Revue bibliographique, Echos.*

Typographia Elzeviriana — Lisboa